
Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes - filhos surdos

Ana Cristina Guarinello

Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação - Universidade Tuiuti do Paraná

Débora Pereira Claudio

Mestre em Comunicação Social - PUCRS

Discente do Programa de Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação - Universidade Tuiuti do Paraná

Priscila Soares Vidal Festa

Mestranda do Programa de Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação - Universidade Tuiuti do Paraná

Roseli Paciornik

Mestre em Distúrbios da Comunicação - Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

A família é o lugar onde a comunicação e o uso da linguagem na interação familiar podem ser considerados as bases da formação de um sujeito. Por não compartilharem de uma mesma língua, em geral, lares ouvintes com filhos surdos têm passado por enormes dificuldades nas interações linguísticas. Fundamentado na visão bakhtiniana de linguagem, como o eixo da relação do homem consigo mesmo e que considera os interlocutores ativos nas interações linguísticas, este estudo calca-se na metodologia qualitativa sociohistórica do círculo bakhtiniano. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os discursos produzidos por familiares ouvintes a respeito da comunicação cotidiana em seus lares com seus filhos surdos. Ressalte-se que esses discursos foram produzidos durante os encontros de um grupo de familiares de surdos. Como resultado, a pesquisa apontou dificuldades dos familiares diante das possibilidades de compreender e de serem compreendidos pelas crianças surdas.

Palavras-chave: Linguagem. Família. Surdez.

Abstract

Communication and language use's in family interactions are the basis of an individual constitution. In general, hearing families with deaf children do not share a common language, as a result, they have difficulties in their linguistic interactions. This study is based in a Bakhtin vision of language that considers all individuals as actives in their linguistic interactions, and in a qualitative socio historic methodology. This work aims to reflect about discourses produced by a hearing families group about their daily communication with their deaf children. All discourses were produced during hearing families meetings. The results show that hearing families have some difficulties to understand and to be understood by their deaf children.

Keywords: Language. Family. Deafness.

Introdução

Aceita como a mais antiga instituição social humana, a família é compreendida como gênese na construção social das relações. É na família que a criança adquire a linguagem e a capacidade de se comunicar com os outros, sendo este núcleo primário a base das futuras interações sociais da criança. Os valores socioculturais constituídos por esta família têm grande repercussão na formação das crianças, pois contribuirão na formação do caráter do sujeito. Estes valores são transmitidos para todos os integrantes do grupo familiar, refletindo algo maior do que as próprias opiniões, pois propagam valores da sociedade na qual este grupo familiar está inserido (Guarinello & Lacerda, 2007; Leite & Monteiro, 2008).

Muito embora as relações familiares sejam diversas umas das outras, quando a surdez é diagnosticada, em geral as famílias passam por reações conturbadas que assinalam o início de um período longo e difícil (Batista & França, 2007). Este impacto da surdez na família

pode provocar intenso sofrimento, principalmente considerando que 90 a 95% das crianças que nascem surdas nascem em lares de ouvintes, os quais desconhecem a surdez e suas consequências (Guarinello & Lacerda, 2007).

Sob essa perspectiva, percebe-se que a família de ouvintes tem apresentado dificuldades em passar por esta experiência, “independente do momento em que os pais entram em contacto com a deficiência de seu filho e quão maduros possam ser, essa é sempre uma reação envolta em muita dor, medo e incerteza” (Batista & França, 2007, p. 119).

Fiamenghi Jr. e Messa (2007) percebem que, antes do nascimento de uma criança, o seu lugar já está projetado na mente dos pais, como crenças e valores familiares que vieram se delineando ao longo da vida e aparecem como expectativas sobre o futuro papel para o filho. Porém, diante da situação inesperada frente a uma criança com deficiência, planos são abdicados e toda a experiência de parentalidade deve ser ressignificada.

Cabe considerar que esta situação acontece, pois pais ouvintes, ao estarem apartados da realidade dos surdos, desconhecem a possibilidade de que surdos adultos possam ser competentes linguisticamente e visualizam um caminho solitário. “Esses sentimentos geram nos pais tamanho medo do desconhecido, que

eles internalizam a crença de que educar uma criança surda vai ser uma tarefa monumental” (Hoffmeister, 1999, p.114).

Nesse sentido, é fundamental levantar algumas questões no terreno sociohistórico e ideológico, uma vez que o desenvolvimento humano envolve toda uma cultura repleta de significações, conceitos e estruturas do próprio grupo social a que o sujeito pertence. Sob este raciocínio, os estereótipos e (pré) conceitos, que circulam na sociedade, podem ampliar a limitação auditiva do filho para uma limitação social e até comunicativa (Silvestre & Souza, 2007).

De certa forma, o que está em jogo são as convicções do significado da surdez, desde os aspectos biológicos, educacionais e até sociais (Santana, 2007). Sob esta visão, pode-se observar que pais ouvintes muitas vezes não percebem que a criança poderá desenvolver-se, ser autêntica e feliz, integrando a surdez como parte de sua vida e de sua identidade, independentemente de sua opção linguística (Bergmann, 2001).

Diante disso, ao investigar a interação linguística entre familiares ouvintes e filhos surdos, é importante ir além das palavras. É preciso procurar compreender em quais processos sociohistóricos essa família foi constituída; como as representações da surdez que circulam na sociedade são refletidas na dinâmica familiar, e quais destas concepções sobre a surdez

aparecem nas falas dos familiares. Pois as pessoas não estão isoladas do seu universo social, ao contrário, cada uma destas famílias expressa ideias construídas pelos discursos que emergem do interior das relações sociais, e neles criam as dimensões valorativas e avaliativas (Faraco, 2003).

Partindo deste ponto de vista, ao observar as grandes narrativas sobre surdez e como se inserem nos discursos sociais, é possível compreender que uma família ouvinte com uma criança surda poderá encontrar uma propensão maior a fala e a oralização para com seus filhos surdos (Paciornik, 2010).

Assim, a família, pela sua interface com os discursos sociais, pode refletir conceitos sobre “o que é ser surdo”. Sabe-se que a língua oral é de modalidade oral-auditiva diferente da língua de sinais, língua natural do surdo, de modalidade viso-espacial. Porém, é comum que as famílias ouvintes usem somente a língua oral para interagir com seus filhos, enquanto a criança surda sente-se mais a vontade com os recursos visuais. Desse modo, uma primeira barreira pode começar a ser construída, pois não há uma língua comum entre a família e a criança surda para estabelecer os contatos sociais e assim permitir que a linguagem seja viva e fluente nas interações.

Vale salientar que são os pais ouvintes que escolhem a primeira forma de comunicação para os filhos, pois são eles que irão dispor de recursos, tempo, investimento para alcançar seus objetivos (Santana, 2007). Nesse sentido, a formação subjetiva desse filho surdo depende de uma série de fatores que irão ao longo da vida se configurando, desde o ambiente social, a escolha da comunicação pela família, a educação, a sua opção pessoal de comunicação, entre outros.

Tudo isto posto, é importante a reflexão sobre a criança surda e as questões referentes aos seus contextos linguísticos dentro do lar. Nesse sentido, a partir dos estudos da linguagem e da constituição do sujeito, defendidos pelo Círculo de Bakhtin¹ (1929/1992, 2003, 2008), entende-se que a palavra viva se dá pelo diálogo, pelas enunciações contextualizadas e pelos momentos de interação. A linguagem, sendo o eixo que funda a relação do homem consigo mesmo, ser falante e expressivo, torna-o constituinte da sua própria consciência, de forma que “o discurso do falante o liberta da condição de objeto” (Freitas, 1996, p. 171).

Portanto, se é a família a instituição social onde a criança se desenvolve, passa a maior parte do tempo, é acolhida e cuidada, será dentro dela que o sujeito irá se constituir emocional, subjetiva e socialmente.

1 A obra intitulada “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (1929/1992), assinada por V. N. Volochinov será considerada neste trabalho, como de autoria de Mikhail Bakhtin, conforme prefácio assinado por Roman Jakobson na obra em questão (Bakhtin, 1929/ 1992).

O grupo de familiares de surdos, realizado na Universidade Tuiuti do Paraná, busca acolher e dar voz aos familiares. Em vista do que foi problematizado até então, a presente pesquisa visa refletir sobre os discursos produzidos por familiares ouvintes do grupo de familiares de surdos a respeito da comunicação cotidiana em seus lares com seus filhos surdos.

Método

Esse trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tuiuti do Paraná, sob o protocolo no 076/2007. A pesquisa foi explicada aos sujeitos participantes, os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, consentindo com a realização e divulgação dos resultados. Cada encontro foi gravado em fitas VHS ou em um gravador digital e posteriormente transcrito. O material utilizado foi coletado em reuniões do Grupo de Familiares de surdos.

Este grupo teve seu início em 2003, com a intenção de oferecer um espaço de acolhimento e troca aos familiares de pacientes que realizavam terapias fonoaudiológicas na Clínica de Fonoaudiologia da Universidade Tuiuti do Paraná. O grupo surgiu porque esses familiares, antes da existência do grupo, permaneciam aguardando seus filhos na sala de espera da clínica; era um tempo ocioso. Fazem parte do grupo

pais, mães, avós, irmãos e tias de surdos. O objetivo do grupo, portanto, é aproveitar este espaço para orientar os familiares de surdos quanto a questões relativas à surdez, bem como realizar discussões e reflexões em grupo sobre a surdez, a linguagem e a educação.

A metodologia escolhida para este trabalho baseia-se na teoria sociohistórica do Círculo de Mikhail Bakhtin (Bakhtin, 1992, 2003; Freitas, 2002). Desta forma, privilegia o caráter histórico e cultural como um processo interativo, integrando os indivíduos em suas relações. A investigação é de caráter qualitativo e pressupõe o espaço interlocutivo como *locus* que “provoca debates e estimula as pessoas a tomarem consciência de sua situação e condição e a pensarem criticamente sobre elas” (Kramer, 2003, p. 66).

Sob essa perspectiva, o investigador tem um papel de partícipe no processo (Turato, 2000), no qual atribui significado à enunciação e aos discursos dos sujeitos pesquisados. Assim, a investigação ultrapassa o ato de observar ou contemplar, mas se propõe ao estabelecimento do diálogo (Freitas, 2003). Os investigadores (um fonoaudiólogo e um psicólogo) não dispunham de um roteiro pronto, mas de perguntas abertas que retomavam questões provenientes dos encontros anteriores, tais como: relação familiar, o sentimento dos familiares em relação à surdez, as expectativas de participar de um grupo em que

os integrantes têm algo em comum, as interações linguísticas da família com a criança surda, etc.

Os encontros do grupo tiveram uma hora e meia de duração com, em média, cinco integrantes. Para fins de amostragem desta pesquisa, alguns relatos foram selecionados referentes ao tema interações linguísticas entre familiares ouvintes e filhos surdos, de forma que somente os depoimentos de cinco mães foram utilizados. Tais relatos foram selecionados por fazerem parte de momentos significativos e relevantes dos participantes do grupo. Os nomes foram mantidos em sigilo, sendo substituídos por: M1, M2, M3, M4, M5. Para este estudo foram analisadas transcrições dos encontros entre 2005-2009.

Com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, abaixo serão apresentados os cinco participantes do grupo, com uma pequena apresentação individual do filho e posteriormente, na sequência, o relato referente a cada mãe.

M1: tem um filho surdo com 4 anos de idade que possui perda auditiva profunda bilateral. A criança usa prótese em um ouvido e há um ano implante coclear no outro. Frequenta escola especial. A mãe frequenta pouco o grupo de pais e geralmente costuma ficar calada só ouvindo.

M2: tem um filho com 12 anos que é surdo profundo e frequenta uma escola regular e uma escola

especial. Usa aparelhos auditivos bilateralmente. A mãe, no início, não falava e parecia ficar alheia às discussões do grupo; com o passar do tempo, passou a participar mais e começou a trazer suas dúvidas, e algumas vezes, buscava soluções para seus problemas no grupo.

M3: a mãe tem um filho com surdez profunda bilateral com 2 anos. A criança ainda não vai para a escola. Seu sogro também é surdo. A criança usa prótese bilateralmente. A mãe é bastante participativa.

M4: tem dois filhos surdos. O mais velho é do sexo masculino, atualmente com onze anos de idade é surdo profundo. Esta criança frequenta uma escola regular e outra especial todos os dias. A criança mais nova, do sexo feminino, atualmente tem nove anos de idade e tem surdez leve. Frequenta escola regular. As duas crianças são protetizadas e sempre comparecem as terapias acompanhadas de sua mãe, que se apresenta sempre bastante participativa dentro do grupo de familiares, e sempre coloca seu ponto de vista e cita suas experiências sobre os assuntos discutidos.

M5: tem uma filha com oito anos de idade que possui surdez severa bilateralmente. Usa próteses auditivas bilateralmente. Frequenta escola regular. Sua mãe demonstra-se participativa e sempre fala sobre suas dificuldades e dúvidas. No entanto, devido a um AVC, esta mãe possui certa dificuldade para se expressar, apresentando muitas vezes uma fala confusa. Apresenta

um bom relacionamento com as outras participantes do grupo, mas algumas vezes não aceita o que elas falam e se irrita, noutras apenas escuta o que esta sendo discutido e não emite opinião.

Resultados e Discussão

Os dados que serão apresentados estarão dispostos em duas categorias, separados entre si somente para fins de análise. Os recortes foram efetuados delimitando o tema conforme o objetivo da pesquisa: a interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos. A categoria 1 apresenta depoimentos de três mães sobre

Categoria 1 – Dificuldades em compreender a fala de seus filhos.

M1	A gente não entendia e ele batia os pés. Daí eu dizia: não estou entendendo. Falava uma coisa e não era. Falava outra coisa e também não era. Você tem que pensar que palavra que é e vai chutando até dar certo.
M2	Ela quer saber, quando ela vê alguma coisa ela vem perguntar, aí agente tem que explicar, da televisão, tudo o que ela vê, ela fala “oh” aí eu tenho que ensinar do meu jeito, porque eu não fiz Libras... eu não sei falar pelo gesto... aí eu faço do meu jeito. Às vezes ele faz gestos, mas na maioria ele fala. Só que às vezes é meio difícil de entender o que ele está falando, né? Daí ele procura fazer com gestos até você entender direito. Mas ele fala mais.
M3	Não consigo entender nada do que ele fala, nem os gestos eu consigo entender.

as dificuldades para compreender a fala dos seus filhos e a categoria 2 apresenta depoimentos de duas mães sobre as dificuldades de serem compreendidas pelos seus filhos. Cabe ressaltar que esses depoimentos são apenas uma amostra dos relatos comumente utilizados pelas famílias ao longo desses anos em que o grupo existe.

Diante desses relatos, é possível refletir sobre algumas questões fundamentais, como por exemplo, os meios que as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, dispõem para constituir o seu repertório linguístico, uma vez que na relação entre pais ouvintes e filhos surdos, a comunicação tem sido uma constante preocupação das famílias. Muitas vezes, os pais sentem-se incapazes de cuidar de um filho surdo. Sobre esta questão, é importante considerar que a pessoa com surdez já inicia sua comunicação de modo diferente do ouvinte, uma vez que são os seus olhos a sua principal (se não a única) fonte para apreensão de informações. Dessa forma, diferentemente dos ouvintes (que se utilizam dos olhos e dos ouvidos), a visão é para os surdos o único canal com o qual eles recebem, apreendem, transformam e dão significados ao mundo que os rodeiam.

Portanto, essa dificuldade de se estabelecer uma comunicação entre familiares ouvintes e filhos surdos nasce principalmente da diferença na recepção linguística: os ouvintes recebem informações auditivas e

Categoria 2 – Dificuldades de ser compreendido pelo filho

M1	Quando eles são pequenininhos é mais fácil explicar... só que agora ele já está ficando maior...
	Geralmente quando eu to lendo um texto, eu tento explicar com uma figura, tento mostrar. Eu que leio, ele também lê, aí eu explico. Ele assiste jornal, sabe o que está acontecendo, sabe o que é droga, sabe tudo, que foi preso porque roubou tal coisa, ele conta tudo pra você, mas tem coisa que eu não consigo. Por exemplo do foguete, o astronauta lá. Ele sabe que é brasileiro porque ele tá vento a bandeira do Brasil, mas ele quer que eu explique porque, que distância, como é daqui até lá, quanto tempo leva prá chegar lá, como é que eu vou saber?
	Ele não entende:: Várias vezes eu to com eles na cozinha, vendo filme... ele acha que o Pr entende porque ta olhando.
M4	Quando eles são pequenininhos é mais fácil explicar... só que agora ele já está ficando maior...
	Geralmente quando eu tô lendo um texto, eu tento explicar com uma figura, tento mostrar. Eu que leio, ele também lê, aí eu explico. Ele assiste jornal, sabe o que está acontecendo, sabe o que é droga, sabe tudo, que foi preso porque roubou tal coisa, ele conta tudo pra você, mas tem coisa que eu não consigo. Por exemplo, do foguete, o astronauta lá. Ele sabe que é brasileiro porque ele tá vento a bandeira do Brasil, mas ele quer que eu explique porque, que distância, como é daqui até lá, quanto tempo leva prá chegar lá, como é que eu vou saber
M5	Ela quer saber, quando ela vê alguma coisa ela vem perguntar, aí a gente tem que explicar, da televisão, tudo o que ela vê, ela fala “oh” aí eu tenho que ensinar do meu jeito, porque eu não fiz Libras... eu não sei falar pelo gesto... aí eu faço do meu jeito.
	Em casa, a gente começou a falar mais alto. Conversávamos com ele e ele olhava bem na boca da gente. Se não estiver olhando para a boca ele não entende o que estamos falando. Se ele estiver de frente para você, ele entende.

visuais (o que facilita muito suas vidas), enquanto os surdos recebem informações somente visuais. Isto posto, pode-se perceber as enormes dificuldades de interação linguística que podem ocorrer entre o surdo e seus familiares.

No entanto, cabe aqui uma reflexão mais profunda sobre a linguagem bakhtiniana, uma vez que ela é movimento e considera os interlocutores ativos, pressupondo uma interação entre eles de forma que o ‘ouvinte’² se transforma em ‘falante’ e o ‘falante’ em

2 Ouvinte e falante não se referem aqui, em seu sentido literal, sobre a utilização do som ou da voz, mas, alude aos interlocutores em uma interação, em seus dois papéis.

‘ouvinte’ em uma construção conjunta de significados. Portanto, independentemente do canal utilizado na interação (visual ou auditivo), ambas as escolhas (visogestual ou auditivo-oral) podem ser pertinentes, pois o importante é que as duas línguas são consideradas competentes quando vivenciadas de forma integral (Lacerda, 2000). Com efeito, toda uma dinâmica dialógica se constrói na interação, acolhendo o “eu” e o “tu”, pois o discurso “se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos” (Bakhtin, 2003, p. 311), ou seja, são duas pessoas, sendo, portanto, dois sujeitos (e não um sujeito - um objeto, mas um sujeito - um sujeito).

É diante dessas reflexões sobre a verdadeira essência de uma interação e das discussões atuais em torno da surdez, alvo de mudanças significativas acerca das abordagens e concepções, que se faz pertinente uma análise sobre os impasses vivenciados na comunicação das mães com seus filhos surdos.

Na categoria 1, as mães relatam a tentativa frustrada da criança concluir seu raciocínio. O filho de M1 tentou por palavras e não obteve sucesso, pois as palavras faladas foram insuficientes para a comunicação. Já nas falas de M2 e M3, observa-se uma tentativa de comunicação por meio também de gestos, o que foi igualmente infrutífero. Assim, ambas as tentativas são insuficientes para construir o diálogo. Nesse sentido,

vale lembrar que o filho de M2 frequenta a escola especial e se comunica com os colegas por sinais. É possível, portanto, que o relato aponte para uma não utilização da língua de sinais pela família, ao mesmo tempo em que demonstra uma não compreensão da língua oral pelo filho, o que justificaria a sua necessidade de recorrer ao gesto.

Sob este aspecto, cabe aprofundar um pouco mais esta tentativa da criança de se fazer entender apelando ao gesto como um aliado. É nítido, pelos relatos apresentados (M2, M3), que as mães separam as palavras dos gestos. Cabe ressaltar, porém, que o gesto permeia o aspecto simbólico da linguagem e que, portanto, não se trata simplesmente de um ato motor. Santana, et al. (2008) salientam que os gestos não se limitam a apenas uma capacidade biológica dada, vão além, eles emergem como interações. No instante em que um sentido e um significado passam a ser atribuídos aos gestos, no qual o outro lhes valide um estatuto diferenciado, eles passam a significar não só para a criança que os utiliza, mas também para o interlocutor ao interpretá-los. Sobre isso, Santana (2007) observa que os aspectos interativos, sociais, cognitivos e linguísticos do gesto têm a tendência de se transformarem em mediadores entre as funções simbólicas. Seu papel para o interlocutor é torná-lo sujeito de seu discurso, “o gesto, na ausência de língua

minimamente referenciada, confere ao surdo o papel de interlocutor no diálogo” (p. 90).

De certa forma, o gesto pode ser considerado importante para o processo de aquisição da linguagem, seja esta oral ou de sinais. Por alcançar os interlocutores na criação de um sentido, pode vir a atingir a esfera simbólica e constituir-se “como o próprio enunciado durante muito mais tempo e revela uma relação particular do sujeito com a linguagem, neste caso, manual” (Santana *et al.* 2008, p. 305). Mesmo o gesto enquanto tal não deve ser confundido com língua de sinais, plena de possibilidades linguísticas.

Porém, parece haver uma predileção da mãe (M2) pela palavra oralmente pronunciada, ao relatar: “*Às vezes ele faz gestos, mas na maioria ele fala. Só que às vezes é meio difícil de entender o que ele está falando, né? Daí ele procura fazer com gestos até você entender direito. Mas, ele fala mais*”. Nesse sentido, é possível que o imaginário social da família, recheado de discursos provindos de uma arena de vozes, levem a mãe a enaltecer mais a fala propriamente dita, do que a linguagem.

O oralismo foi e segue sendo hoje, em boa parte do mundo, uma ideologia dominante dentro da educação do surdo. A concepção do sujeito surdo ali presente refere exclusivamente uma dimensão clínica – a surdez como deficiência, os surdos como sujeitos patológicos – em uma perspectiva terapêutica (Skliar, 1997, p. 256).

Ainda que a literatura já tenha avançado e apresentado discussões acerca do tema, ampliando suas vertentes para o estudo da visão socioantropológica da criança surda (Araújo & Lacerda, 2010), é possível que uma visão clínico-terapêutica que concebe o surdo sob o ponto de vista patológico prevaleça nas dinâmicas das famílias.

Sobre essa questão, cabe uma reflexão acerca destas mudanças que, segundo Araújo e Lacerda (2010), têm envolvido as áreas da Linguística, Educação, Antropologia, Filosofia, Medicina, Bioengenharia, Fonoaudiologia entre outras. Assim, estas ciências têm feito parte desta área do conhecimento e se preocupado com o mundo dos surdos, desde a audição, a escrita, a oralidade, a língua de sinais, o bilinguismo, a cognição e a eficácia dos novos dispositivos eletrônicos. Nesse sentido “os conceitos de pessoa surda sofreram modificações no sentido de reconhecê-la na sua diferença linguística e não como portadora de uma deficiência” (p. 696).

Percebe-se, portanto, que se mantêm atuais algumas práticas fonoaudiológicas e educacionais fundamentadas na “vertente tecnicista, pressupondo uma linguagem adulta, pronta, acabada e estática, sem considerar o espaço conjunto de construção dialógica” (Araújo & Lacerda, 2010, p. 696). Desta

forma, a linguagem da criança tem ficado reduzida à sua articulação, sem alcançar sua total amplitude.

Já na categoria 2 (M4 e M5), referente à tentativa de elucidar as perguntas do filho, percebe-se que nenhuma das mães dá conta das interações linguísticas, mesmo com o uso de gestos. Neste sentido, é possível que as interações das crianças surdas filhas de pais ouvintes possam se limitar aos poucos gestos representativos que os pais ou familiares criam no estabelecimento de uma comunicação com seus filhos, “geralmente de caráter icônico e contextual que reduzem enormemente as trocas simbólicas com o meio social, tão necessárias ao desenvolvimento da linguagem e de outras funções psicológicas superiores” (Fernandes, 2006, p. 123).

Assim, a comunicação passa por uma simplificação dos conteúdos para a criança surda, numa tentativa de adaptar os discursos às características da criança. Isso pode ser notado na fala da M5, ao tentar se comunicar com a filha de oito anos, com a qual não compartilha uma língua em comum. Desta forma, as significações do mundo são simplificadas pelos pais para o que eles pensam que a criança pode compreender, eliminando assuntos que julgam serem mais complexos. A restrição de conteúdos para o sujeito pode ser definida como comunicação restritiva, pela baixa estimulação da utilização ativa da linguagem (Silvestre & Souza, 2007).

É relevante o comentário de M1, ao citar que “*quando eles são pequenininhos é mais fácil explicar*”. Ora, é possível compreendê-la no sentido de que o vocabulário de seu filho hoje aos 12 anos não acompanha a amplitude das questões da vida. Porém, esta mãe ressalta um tema fundamental dentro da teoria enunciativo-discursiva, que é a constituição de sujeito da linguagem. Ou seja, é na dimensão dos diálogos desde bebê, e da permanente interação entre o “eu” e o “tu”, construídos nas atividades dialógicas, que uma criança insere-se no universo da linguagem e se constitui como sujeito. Assim, quando a mãe olha para trás, buscando na memória quando a criança era pequena, sem perceber que o tempo havia sido um precioso aliado para inserir a criança no universo da linguagem, ela não percebe que, como salienta Freitas (1996) citando Bakhtin (2003), “Eu me conheço, chego a ser eu mesmo só ao me manifestar para o outro, através do outro e com a ajuda do outro. Os atos mais importantes que constituem a autoconsciência se determinam por relação à outra consciência” (Freitas, 1996, p. 181).

Nesse sentido, é possível que haja uma tendência de privilegiar mais a produção oral da criança surda sobre um dado evento, do que seu significado e as profundas possibilidades dialógicas que este dado evento possa significar para ela. Ora, quando a criança é ouvinte, adquire a língua oral de forma natural, sem

necessidade de uma metodologia preparada pela mãe e pai para que interaja, participe, contribua e transforme os diálogos experimentando situações em que sejam também falantes e interlocutores. Porém, quando a criança é surda, a reação dos adultos pode voltar-se para o controle nos diálogos, restringindo-a de ocupar o lugar de falante e de interlocutor nas interações. No que concerne à linguagem, a fala não tem nenhuma relação com a constituição do sujeito surdo. Ao contrário, “a língua de sinais, permite à criança surda assumir o papel de interlocutor, para que possa exercer também o papel de narrador” (Gesueli, 2000, p. 99).

Diante disso, parece oportuno refletir sobre a perspectiva de linguagem que está sendo considerada como metodologicamente mais apropriada, pois ao se tentar somente “falar” com o surdo profundo, da mesma maneira que se fala com um “ouvinte”, ou seja, somente pela via oral, estará privando-o da riqueza de informações e implicando, como consequência, numa carência de todo um conjunto de informações (Afonso, 2007). Pois a leitura labial, apesar de ser “bastante enfatizada pelas perspectivas oralistas como meio predominante na recepção comunicacional” (p. 25), tem como condicionantes algumas exigências para que os elementos articulatórios possam ser captados pela criança, de forma que a “arte” de “ver” as palavras possa levar a criança a compreendê-las e interpretá-las

(Afonso, 2007). Mesmo porque, por ser de natureza intersubjetiva, a recepção da informação não é condição única para a compreensão da linguagem. Pois “exposição à língua, fixação e memorização da relação significado/significante de estruturas linguísticas, levam a confundir falar e escrever ou escutar e ler com gestos de codificação de mensagens e sentidos considerados acabados” (Trenche & Baliero, 2006, p.321).

A partir destas colocações, cabe retornar às análises e aos relatos das categorias 1 e 2, os quais se referem respectivamente às dificuldades em compreender o filho (M1, M2 e M3) e às dificuldades em se fazer entender pelos mesmos (M4 e M5). Nesse sentido, é interessante observá-los como análogos, tal qual uma via de mão dupla. Pois, no território da linguagem, que é movimento entre interlocutores ativamente se (inter) cambiando de posições, o que aparentemente pareceriam dois impasses diferentes, por um lado a dificuldade de compreender o filho, e por outro a dificuldade de ser compreendido por ele, transitam pela mesma via na qual a linguagem se funda, de forma que apresenta uma mesma situação importante ao nível da compreensão.

Assim, diante destas questões, vale salientar que o que confere riqueza à comunicação cotidiana está no âmbito da palavra, que por si só carrega inúmeros significados. Portanto, dialogicamente, significa dizer

que o território é comum a ambos os interlocutores, cada qual com seu ponto de visão.

A palavra, signo por excelência que promove possibilidades comunicativas de negociação de significados, também gera mudanças no plano mental. É por meio da palavra enquanto signo que a linguagem se funda (Freitas, 1996). Além de se comunicar por meio dela, o homem constitui suas interações e torna-se capaz de categorizar o mundo e adquirir a possibilidade de abstração e generalização dos objetivos em uma intrínseca relação com o funcionamento psíquico de ordem superior. “Tal constituição se encontra seriamente comprometida na criança surda, em razão de serem insuficientes as oportunidades oferecidas pelo grupo social (família e escola), que com ela não compartilha de uma mesma língua” (Araújo & Lacerda, 2010, p. 700).

Sobre essa questão, Sacks (1990) salienta que ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é

uma das mais desesperadas calamidades, pois é somente por meio da linguagem que ingressamos plenamente em nossa condição e cultura humana, comunicamo-nos com os nossos semelhantes, adquirirmos e partilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, estamos bizarramente incapacitados e isolados – quaisquer que sejam os nossos desejos, esforços ou capacidades naturais. E na verdade, podemos ser tão pouco capazes de realizar nosso potencial intelectual a ponto de parecermos mentalmente deficientes (Sacks, 1990, p. 24).

Assim, diante dessa perspectiva de linguagem que ultrapassa a simples contemplação e estabelece o diálogo, é que o Grupo de Familiares foi recebido, percebido e analisado. Vislumbrando passo a passo maiores reflexões, ponderações e percepções, os encontros possibilitaram uma troca compartilhada. Esta forma de vivenciar empática e solidariamente as interações impregnaram a palavra falada de riqueza e oportunidades. A produção e a recepção dos significados apresentam, tal como a linguagem, suas dimensões dialógicas e ideológicas (Kramer, 2003).

Considerações finais

A família é o núcleo social primeiro de interação de uma criança com a sociedade. É nela que aprendemos valores e princípios; onde construímos a base de nossa personalidade. É indiscutível a importância da família no desenvolvimento e formação de crianças e adolescentes.

Assim, ao eleger a perspectiva enunciativo-discursiva de Mikhail Bakhtin para analisar as interações entre a família e a criança surda, todo o trabalho voltou-se à dimensão ativa da linguagem nesse contexto. Ao longo dos encontros, foi possível observar as implicações profundas que as relações familiares e os aspectos subjetivos da família com o sujeito surdo têm sobre

a linguagem e sobre o conseqüente desempenho da criança.

Assim, esse estudo vem confirmar que a surdez de uma criança dentro do lar pode ser traumática para os pais ouvintes e conseqüentemente causar grande impacto no sistema familiar, rompendo-se as expectativas e alterando o relacionamento afetivo, social e a comunicação da família. Assim, a criança surda, devido ao déficit auditivo, pode apresentar dificuldades para ouvir sons da fala e do meio ambiente, impossibilitando-a de uma aquisição espontânea e efetiva da língua oral. A língua de sinais apresenta-se como uma efetiva opção de comunicação (Akiyama, 2007).

Nesse sentido, o estudo vem demonstrar que o impacto no sistema familiar altera o relacionamento afetivo, social e a comunicação da família e conseqüentemente as interrelações entre os familiares e a criança surda.

A dificuldade de comunicação com a criança surda passa a ser um fator preocupante para os pais, resultando na insegurança e na dúvida. A questão da língua a ser usada é imprecisa e esta insegurança culmina na utilização de uma mescla entre a língua portuguesa e gestos ou mímicas, tornando extremamente pobre a comunicação entre os sujeitos.

Percebe-se que a criança surda, na ausência de uma língua em comum com a família, fica impossibilitada de

acompanhar a maioria das conversas partilhadas por esta. Nesse sentido, a imagem inicial, após o diagnóstico confirmado da surdez, reforça que seus filhos serão mudos (Boscolo & Santos, 2005). Portanto, partindo da premissa que seu filho é surdo, a comunicação parental muitas vezes sofre diminuição de contato verbal ou até de um contato comunicacional verbal, porém, com a agravante anulação do gestual. Submetidas a uma comunicação de difícil compreensão, na ausência de interlocutores capazes de interpretar eficazmente e atribuir sentido a essas manifestações de linguagem, as crianças surdas são impedidas de um desenvolvimento pleno na língua dos seus grupos de convivência. Este contexto impõe ao surdo dificuldades interacionais, cognitivas, linguísticas e educacionais (Araújo & Lacerda, 2010).

É importante refletir, portanto, sobre as concepções de linguagem disseminadas socialmente, uma vez que têm um impacto profundo nas reações e nas possibilidades destes pais diante de toda uma comunicação e partilha de conhecimentos, valores, crenças e ideias sobre as coisas do mundo.

Este trabalho com o Grupo de Familiares demonstrou que um ambiente onde haja interações eficientes pode possibilitar ao sujeito ocupar cada vez mais o seu lugar de falante. Isso não somente no sentido da articulação da fala, mas em seus discursos

dentro da comunidade e da sociedade em que vive. O estudo revelou, no entanto, que os pais carecem de informações sobre o que é a surdez e quais suas consequências.

Assim, salientamos a importância do papel dos profissionais que fazem o diagnóstico da surdez, no sentido de prepararem e informarem as famílias

a respeito das dificuldades e consequências das perdas auditivas para as crianças e suas famílias. Sob esta perspectiva, poderá ser cada vez mais possível ao surdo constituir-se como um ser da linguagem, inserido no mundo da linguagem e com pleno desenvolvimento integral de todas as funções superiores.

Referências

- Afonso, C.. *Reflexões sobre a surdez: problemática específica da surdez*. Portugal: Gailivro, 2007.
- Akiyama, R.. Análise comparativa da intervenção fonoaudiológica na surdez: com a família ou com os pais. *Rev.Soc.Bras. Fono*, 2007, 12(4), 348.
- Araújo, C. C. M., & Lacerda, C. B. F. Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações histórico-culturais. *Revista Psicologia em Estudo*, 2010, 15(4), 695-703.
- Bakhtin, M.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. (6a ed.) São Paulo: Hucitec, 1992. (Trabalho original publicado em 1929).
- _____. *Estética da criação verbal*. (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Trabalho original publicado em 1979).
- _____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. (4a ed.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Trabalho original publicado em 1929).
- Batista, S. M., & França, R. M.. Família de pessoas com deficiência – desafios e superação. *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG*, 2007, 3(10), 117-121.
- Bergmann, L.. Repercussões da surdez na criança, nos pais e suas implicações no tratamento. *Espaço: Informativo Técnico-Científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos*, 2001. 16. 3-8.
- Boscolo, C. C., & Santos, T. M. M.. A deficiência auditiva e a família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais e de crianças com deficiência de audição. *Distúrbios da Comunicação*, 2005, 17(1), 69-75.
- Faraco, C. A.. *Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- Fernandes, S. F.. Letramento na educação bilíngue para surdos. In A. P. Berberian, C. C. M. de Angelis, & Massi, G. (Orgs.). *Letramento, referências em saúde e educação* (pp. 117-144). São Paulo: Plexus, 2006.
- Fiamenghi Jr. G., & Messa, A. A.. Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2007, 27(2), 236-245.
- Freitas, M. T. A. Bakhtin e a psicologia. In C. A. Faraco, C. Tezza, & G. Castro (Orgs.), *Diálogos com Bakhtin*. (pp. 165-187). Curitiba: UFPR, 1996.
- Freitas, M. T. A.. Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, 2002, 116, 21-39.
- Freitas, M. T. A.. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In M. T. Freitas, S. Jobim e Souza & S. Kramer (Orgs.), *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin* (pp. 26-38). São Paulo: Cortez, 2003.

- Gesueli, Z. M. A.. Intertextualidade na Elaboração Narrativa em Língua de Sinais. In C. B. F. Lacerda & M. C. R. Góes (Orgs.), *Surdez: Processos Educativos e Subjetividade* (pp. 95-112). São Paulo: Lovise, 2000.
- Guarinello, A. C., & Lacerda, C. B. F.. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. In A. P. Santana, A. P. Berberian, A. C. Guarinello & G. Massi (Orgs.), *Abordagens Grupais em Fonoaudiologia contextos e aplicações* (pp. 105-120). São Paulo: Plexus, 2007.
- Hoffmeister, R. J.. Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiolgia. In C. Skliar (Org.), *Atualidade da educação bilíngue para surdos* (pp. 113-130). Porto Alegre: Mediação, 1999.
- Kramer, S.. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In M. T. Freitas, S. Jobim e Souza & S. Kramer (Orgs.), *Ciências humanas e pesquisa – leituras de Mikhail Bakhtin* (pp. 57-76). São Paulo: Cortez, 2003.
- Lacerda, C. B. F.. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: problematizando a questão. In C. B. F. Lacerda, & M. C. R. Góes (Orgs.), *Surdez: processos educativos e subjetividade* (pp.51-84). São Paulo: Lovise, 2000.
- Leite, G. A., & Monteiro, M. I.. A construção da identidade de sujeitos deficientes no grupo terapêutico – fonoaudiológico. *Rev. Bras. Ed. Esp*, 2008, 14(2), 189-200.
- Paciornik, R.. *A vida das palavras e suas ações de linguagem. Narrativas de mães de crianças surdas*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós Graduação em Distúrbios da Comunicação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.
- Sacks, O. W.. *Vendo Vozes*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Santana, A. P.. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus, 2007.
- Santana, A. P., Guarinello, A. C., Berberian, A. P., & Massi, G.. O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez. *Psicologia em Estudo*, 2008, 13(2), 297-306.
- Silvestre, N., & Souza, R. M.. *Educação de surdos: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007.
- Skliar, C.. A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos. In L. da Silva, J. C. Azevedo & E. Santos (Orgs.), *Identidade social e construção do conhecimento*. (pp.242-306). Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1997.
- Trenche, M. C. B., & Balieiro, C. R.. Linguagem, escrita, produção de sentidos e a criança surda: questões para a clínica fonoaudiológica. In A. P. Berberian, C. C. M. de Angelis & G. Massi (Orgs.), *Letramento, referências em saúde e educação* (pp. 320-347). São Paulo: Plexus, 2006.
- Turato, E. R.. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa – definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2000, 1(2), 93-108.